

Dossiê

O SIGILO DO PSICANALISTA¹

Ernesto La Porta

(Intervenções de: MD Magno)

Fala na última seção do
Simpósio *O Sigilo na Sociedade*,
promovido pela *UniverCidadeDeDeus* e
realizado de 24 setembro a 05 novembro 1994
(org. por: Aristides Alonso e Lana Lage da Gama Lima)

Anexos:

1. *Sobre o Simpósio O Sigilo na Sociedade*
– MD Magno, pág. 41
2. *Cartaz e folheto do Simpósio*, pág. 46

Fui surpreendido com o convite para falar neste Simpósio. A indicação de meu nome foi feita por Eduardo Mascarenhas², que é um amigo, e teria como companheiro, segundo me disseram, além de Magno, Fábio Lacombe, que também é um amigo meu. Participamos de muitos movimentos dentro da Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro. Em 1980, por ocasião da expulsão de Hélio Pellegrino e Eduardo Mascarenhas, me coloquei ao lado deles. Eu já vinha fazendo uma oposição dentro da Sociedade... mas, hoje, não se trata propriamente deste assunto, não é?

¹ Texto não revisto por Dr. Ernesto La Porta (falecido em fevereiro 2017), estabelecido a partir da gravação em fita cassete por: Potiguara Mendes da Silveira Jr. (transcrição: José Antonio Prado).

² Eduardo Mascarenhas, que estava programado para falar no Simpósio (*cf.* reprodução do cartaz, nos *Anexos*).

Convidaram-me para tratar do *sigilo do psicanalista*. Então, resolvi falar de acordo com o que me viesse à mente, aqui. Cheguei a procurar em Freud alguma coisa sobre o tema. E é de lá... não que eu procurasse especificamente o assunto do sigilo, mas é que o sigilo do psicanalista, a meu ver, está implícito na obra de Freud. E é a partir daí que vou fazer este meu papo.

O próprio interessado em fazer análise, ele já tem um sigilo, relacionado com os problemas, os sintomas ou as coisas que ele sente, que o levam à psicanálise. O que, em parte, explica a resistência que o indivíduo tem e que continua havendo na sociedade, civil, de fazer análise. Por quê? Porque ele já tem, nele mesmo, um sigilo. O indivíduo que quer fazer análise, ele já vai com esse desejo, mas, ao mesmo tempo, com uma grande dificuldade de confiar sua problemática: tudo aquilo que pensa que é sua história, que não contou para ninguém. Então, seja para fazer uma simples análise para tratar-se, ou seja, para ser candidato a analista, ele já tem um sigilo em relação a pessoas da família, e até talvez ao maior amigo, aos maiores amigos. E mais ainda, ele tem um sigilo consigo próprio. Ele não sabe a respeito dele próprio. Como se também não tivesse condições de se confessar e expor a si próprio as coisas mais íntimas, mais primitivas de sua vida. Não falou para ninguém, e não fala nem para si mesmo.

Então, sabemos que o indivíduo tem até uma história que não conhece. Sabemos daquela situação descrita por Freud como amnésia infantil. Significa que houve um recalque de coisas, de pensamentos, fantasias, ideias, desejos, que foram abafadas e ficaram como primeiro sigilo, com relação a si próprio. O indivíduo não tem consciência de tudo aquilo que viveu, desde os primórdios da vida, e até das coisas da vida adulta. Assim, a partir disso, supomos que o indivíduo entra em análise e traz um sonho. Aí, já vem outro aspecto do sigilo psicanalítico. O próprio indivíduo traz um sonho que, como Freud descobriu, tem um conteúdo manifesto,

que ele pensa que é o sonho, mas que não é o verdadeiro sonho. É apenas um conteúdo, um contexto, para esconder alguma coisa. Então, ele já está expressando aí a questão do sigilo. Que dizer, ele tem também uma desconfiança, com relação ao analista. Sabemos que o sonho não se mostra em sua intimidade própria, em seu conteúdo latente, porque existe uma censura, um repressor. Porém, esse repressor já está dentro dele, já faz parte dele. Mas ele, por sua vez, não esconde o conteúdo latente porque usa uma linguagem primitiva do Inconsciente, que faz com que torne necessário ser compreendida, decifrada ou qualquer coisa do gênero.

Só a análise permitirá ao indivíduo, com o tempo, que vá cada vez mais confiando em seu analista para poder contar as coisas mais íntimas, fatos ou situações vividas que jamais foram faladas. Muitas delas, aliás, não foram aceitas pelo próprio indivíduo. Ele como que não aceitou certas coisas e, por consequência, recalcou, defendeu-se de ter aquilo na mente. Então, acho que esse é o primeiro aspecto da questão do sigilo. O sigilo profissional, o sigilo do psicanalista, começa por ele próprio, por ele diante de suas instâncias, como o Super eu. E, também, em função do Eu ideal.

Tenho, ultimamente, estudado a questão do Eu ideal relacionado à ética como fundada na primeira relação do bebê com a mãe. Começa por uma questão de admiração, de amor, ou até de paixão recíproca que vai nascendo aos poucos. A mãe, naturalmente, já expõe aquilo de início, ela se apaixona por seu bebê. Então, admira seu bebê. E dá o seio a seu bebê. E aquela posição no seio faz com que o neném também olhe para alguma coisa que está vendo, e é o rosto da mãe. Assim, vai construindo seu Eu através dessa situação especular, mas, ao mesmo tempo, através de um sentimento que também vai se desenvolvendo e que, naturalmente, deixa traços. A pessoa não lembrará mais tarde, mas que pode aparecer principalmente na situação transferencial.

Então, o indivíduo traz dentro de si duas coisas fundamentais que se desenvolvem muito primitivamente: o Eu ideal, que acho que se desenvolve mais primitivamente que o Super eu, e se transforma. Como disse, as raízes do Eu ideal nascem no momento em que a mãe começa amamentar. Portanto, o bebê começa a ter uma relação com a mãe: a relação especular e ao mesmo tempo de objetos parciais. Isso é o mais primitivo na vida do indivíduo. Pelo menos, é o que estou escrevendo em livro que já mandei para Porto Alegre e convidei Ciro Martins, não sei se conhecem, para prefaciá-lo. Talvez seja publicado lá.

Nesse meu estudo, considero que a relação mais primitiva que começa a se formar na mente da pessoa, do indivíduo, da criança, do bebê, é o que Freud escreve em *Sobre o narcisismo*. Lá, ele descreve o Eu ideal como um desejo do indivíduo que se formou e permanece em nós como sendo o desejo de ser admirado, de ter uma autoimagem, um amor próprio, um orgulho, que o mantém e dá origem à situação da ética. Naturalmente, quem não teve esse princípio, dificilmente poderá ser uma pessoa, um Eu ideal que o adulto conserva, embora de maneira inconsciente, mas que é a origem inicial.

É claro que, logo depois dessa formação, e aí sigo as ideias de Melanie Klein, no terceiro mês de vida, a criança tem o que ela chama de sadismo máximo e de precursor do Super eu. Então, a primeira coisa que formaria o Super eu, seria a destrutividade, o sadismo máximo projetado numa figura de seu ambiente. A mãe em princípio, depois o pai, que aparece como terceiro para perturbar aquela relação, mas que também pode ser admirado aceito, etc. De qualquer forma, segundo Melanie Klein, nasce aí nasce realmente o complexo de Édipo em torno do sexto mês.

São essas duas formações, o Super eu e o Eu ideal, sendo que o próprio Freud considera o Eu ideal mais primitivo. Em 1914, no texto sobre o narcisismo, ele contou primeiro o Eu ideal como um Eu que defenderia o indivíduo de fazer certas

coisas que seriam contrárias àquela situação primitiva de relação com a mãe. E, depois, em relação com o pai. Sabemos que, depois, o narcisismo englobará outras identificações, que também influem na formação do Eu ideal. O indivíduo, o garoto que nasceu, quando maiorzinho, conhecerá um herói de história de quadrinhos e brincará de querer aquele herói. Ele faz uma identificação. Vai ao cinema, se identifica também com determinado artista. E assim as identificações vão indo. O campeão, o grande jogador de futebol, uma pessoa admirável, conforme ele. Isto porque o Eu ideal se baseia fundamentalmente na admiração primitiva entre a criança e a mãe. É uma admiração recíproca.

Numa das *Conferências*, que fez mais tarde, Freud diz que o Eu ideal foi o veículo para formar o Super. Daí em diante, não fala mais em Eu ideal, apenas em Super eu. Muitos autores continuam trabalhando, fazendo estudos, escrevendo e fazendo conferências sobre o Eu ideal, pois continuam aceitando essa parte da personalidade de grande influência na conduta ética do indivíduo. Em 1991, no Congresso Internacional de Psicanálise, promovido pela IPA, pela Associação Internacional de Psicanálise – que, como sabem, foi fundada em 1910 por Freud –, foi escolhido pela primeira vez um latino-americano para presidente da IPA, o argentino Horácio Echegoyen. Eles editaram um livro sobre o narcisismo, no qual aparece o Eu ideal. Quer dizer, muitos autores continuam estudando o Eu ideal como sendo uma das coisas que obrigam o indivíduo a se manter dentro de uma ética. E como vocês já estão percebendo, estou falando sobre o sigilo profissional. Porque o sigilo profissional é fundamentalmente uma questão de ética. Ética do psicanalista.

No livro que acabei de escrever, que está lá no Sul, sobre ética, psicanálise e poder, realmente não me ocorreu entrar no assunto do sigilo profissional, mas acho que o assunto que me interessava era esse mesmo. O sigilo profissional do psicanalista realmente seria mais um capítulo e muito importante. Assim, baseado

nessas coisas que estou falando aqui de improviso, quero dizer que acho que o sigilo profissional do psicanalista é muito sério. E vemos que o psicanalista tem mais, respeita mais o sigilo profissional do que um médico, por exemplo. Hoje, é muito comum um médico conversar com outro colega e dizer: “Aquele paciente que você me mandou tem um câncer, tem isso, aquilo”... Ambos discutem sobre o caso. Numa roda de médicos, é muito comum saber que determinado colega está passando por determinada situação de patologia.

Em psicanálise, felizmente não é assim. Quer dizer, o sigilo profissional, pelo menos em minha vivência, em minha prática, é absoluto. Não dou nem o nome das pessoas que se tratam comigo. Se uma paciente me diz que veio indicada por uma paciente minha, não digo que ela é minha paciente. Se ela insiste, digo: “Bom, se ela disse, ela disse para você, não posso falar nada, não posso dizer nem sequer se ela está aqui comigo ou não”. Quer dizer, é um respeito absoluto. Até, a partir disso – se fulano está em análise comigo ou não –, já começa o sigilo profissional. E muito menos falar para outro colega o que está se passando com uma paciente. Por exemplo, se um analista está analisando a mulher de um paciente meu, atualmente, quem me conhece, já sabe que nós não vamos trocar ideia sobre aquilo. Às vezes, sai um palpite do outro lado, mas não respondo. Não tem retorno.

Há muitos anos, quando eu estava principiando – estou há mais de quarenta anos na psicanálise –, mandei para um colega, que tinha feito análise em Chicago (naquela época, Chicago estava na moda, mas Londres estava começando a ganhar mais fama), uma pessoa que estava com um problema imenso com a mulher. Mas eu estava tratando aquele marido, a quem eu dissera que a mulher dele deveria fazer análise também. Ele me perguntou quem eu indicava e indiquei o colega que estava chegando de Chicago, que tinha vagas enquanto que os outros estavam lotados. Pelo menos, era o que eu sabia. Uns tempos depois, esse colega vinha chegando ao

hospital onde trabalhávamos, eu ia saindo e ele me diz: “Não tenho condições de tratar aquela paciente, aquela esposa do teu paciente, porque, se tu não resolver o caso dele, não posso fazer nada”. Fiquei chocado com a coisa, pois, afinal de contas, meu paciente tem lá o problema dele e ela tem o problema dela. É claro que existe a relação lá entre os dois, mas aqui entre nós, não. Ele fez várias tentativas de dizer coisas desse tipo. Achei uma coisa de uma baixeza total. Em primeiro lugar, porque ele não queria fazer nada, achava que eu é que tinha que fazer, pois o sucesso do caso da mulher só se daria se eu desse um jeito naquele homem. Em segundo lugar, porque eu não tinha nada com o caso. Mandei para ele, o problema é dele e eu fico com o meu problema.

Realmente, o espírito de respeito ao sigilo profissional foi muito primitivo em mim, por várias razões. Primeiro, por aquilo que acabei de dizer: não me lembro como minha mãe me tratou nos primeiros dias depois que nasci, não sei nada disso, mas, pelo jeito que ela viveu depois a relação comigo, suponho que ela me admirava muito. E que também meu pai me admirava muito. E eu admirava muito os dois. Eu sentia que meu pai era um exemplo. Aliás, me contaram uma história familiar – que não tem nenhum segredo, não foi na psicanálise que descobri, foi meu irmão que me disse –, que ele tinha uma empresa e o advogado da empresa era o Getúlio Vargas. Portanto, antes de ele ser deputado. Eu era um garotinho lá de quatro cinco anos. Acontece que, nessa empresa, ele andou se atrapalhando e quis fechá-la. Ele queria pagar a quem devia, mas, se o fizesse, iria ficar sem nada. Como a maioria dos empregados eram meus cunhados e meu irmão, todos estavam aflitos, pois além de meu pai perder tudo, eles iam também perder o emprego. E Getúlio disse: “O senhor não precisa pagar ninguém, o senhor abre falência”. Ele acabou de dizer isto, e o velho o pegou pela gola, levou lá fora e o jogou na rua. Disse: “Vou pagar todo mundo”.

Essas histórias me fizeram criar em mim um sentimento de honradez, de honestidade, de ética. Embora fosse uma coisa grosseira daquela forma, para mim aquilo foi a herança que meu pai me deixou. Esta é uma frase da canção gaúcha de Lupicínio Rodrigues que eu ouvia: “Vingança, a herança maior que meu pai me deixou”. Nunca esqueci esta frase, desde que conheci o Lupicínio e que ele a cantou. Eu ainda morava em Porto Alegre, e diz a minha mulher assim: *Vendetta* – pois meu pai era de origem siciliana. Ela costuma dizer que não paro de brigar porque estou me vingando. Mas digo que não é vingança, quero o negócio certo. Dei um boi para não entrar na briga, mas, depois que me provocaram, e se continuarem me provocando, darei uma boiada para não sair.

Está me custando muita coisa, dinheiro, vamos dizer danos morais, materiais, doença física (que sei que é psicossomática), em função de coisas antiéticas com que não concordo, não aceito. Então, fui prejudicado, muito prejudicado, embora tenham me dito para não citar nomes nem sociedades. Realmente, prefiro não dizer. Com isto, quero encerrar este preâmbulo para a gente conversar, se for possível. Que realmente quem transmite a ética e estou falando em ética porque estou falando em sigilo profissional. Sigilo profissional é ética. E comparo o sigilo profissional ao que conheço do sacerdote católico. Ele tem que respeitar aquilo que foi falado. Pelo menos, foi assim que fui educado em um colégio de jesuítas. Então, essa coisa do sigilo da confissão era uma coisa que estava dentro de mim. Depois, me afastei da religião, mas não desses princípios.

Por exemplo, um paciente me disse: “Na minha declaração de renda, faço tudo certinho, não erro nada, não minto nada. Não é por ser correto, é por medo”. Isto é outra coisa. O indivíduo que conserva o segredo profissional, vamos dizer, por medo, se fosse o caso, é uma coisa, outra é que o sigilo profissional é de origem ética. Nós temos que praticar a análise, e a análise se baseia na ética. A associação de ideias o

que é? É dizer tudo que vem à mente. Está, então, excluída a ideia de mentira, tem que falar a verdade. A verdade, para mim, é a essência da ética. E quem confia em nós, tem que ser respeitado.

A princípio, para dar uma ideia geral, é isso. Como disse, fiz aqui um improviso. Me convidaram há uma semana, e não preparei nada porque não tive tempo.

* * *

MD Magno – Doutor La Porta, quando fizemos a sugestão de que conversássemos um pouco sobre a questão do Sigilo – que é a intenção deste Simpósio (que é uma coisa simples, interna) –, foi no sentido de retomar algumas questões teóricas da psicanálise, mesmo práticas. Sobretudo, no nível da instituição psicanalítica, no nível da Formação do analista. E que pudéssemos discutir um pouco com visada a determinados problemas, que me parecem muito sérios e que, ultimamente, têm sido mais ou menos frequentes no campo da psicanálise.

Estamos, hoje, com algumas questões muito difíceis de serem abordadas, até por via psicanalítica, no sentido teórico da psicanálise. Sobretudo, porque o mundo contemporâneo esgotou uma série de pressupostos, uma série de referências, tanto nos campos da filosofia, da ciência, da política, etc., e ficamos com problemas até para definir, por exemplo, uma palavra que o Sr. usou demais: o que possa vir ser *Ética*. A gente ficava sereno nos bons tempos da crença filosófica, de um Kant, de uma coisa qualquer dessas, em que pudéssemos acreditar piamente, em algum imperativo que nos determinasse, alguma postura ética indiscutível. Mas o próprio desenvolvimento do discurso filosófico, e de outros, chegou a uma contestação tão

radical de todas essas posições, a um relativismo tão inarredável, porque demonstrável esse relativismo, que não mais temos essa certeza.

Podemos dizer, como o Sr. disse, que Freud terá feito herdar o Superego do Eu ideal, naturalmente. Mas Freud nada conhecia de etologia. De lá para cá, a etologia se desenvolveu e já podemos falar sobre o quanto de comportamento a gente herda de níveis etológicos, mais ou menos mal descritos, no comportamento humano. Quer dizer, coisas são da ordem, ainda, da construção animal. Temos, para além do Eu ideal, o Ideal de eu, que Lacan, por exemplo, coloca. Ele tenta fazer uma divisão com certa clareza entre o Imaginário e o Simbólico. Eu divido isso entre o etológico puro e simples, que, em minha linguagem, chamo de Primário, e o Neo-etológico, que é essa coisa postíça que a cultura humana insere. Mas que também não são garantias suficientes. Podem ser garantia da origem de uma vontade ética, mas não são garantia de conteúdo algum, uma vez que a espécie consegue subverter toda e qualquer significação – através do sonho, mesmo, que seja – para qualquer lado, para qualquer significação viável pela espécie humana. Então, hoje, temos problemas seriíssimos quanto à indicação precisa de um comportamento.

De toda a linhagem freudiana, quer me parecer que o último que conseguiu alguma coisa mais perto foi justamente Lacan, ao fazer um longo seminário sobre ética – que é um fracasso. O seminário de Lacan sobre *A ética* me parece uma coisa fracassada, e pareceu a ele também. Tanto é que, anos depois, numa entrevista na televisão, vai recompor o conceito que havia posto nesse seminário, dizendo que *só há ética do bem-dizer, e só há saber do não-senso*. Quer dizer, quando aproxima um saber do não-senso radical, quer dizer, de uma *Indiferença* diante da significação e do sentido, e aproxima a ética da mera possibilidade de bem-dizer. Que pode significar: conseguir dizer bem ou significar; ou simplesmente: benzer o que quer que apareça. Tornei-me uma pessoa tão afável, tão receptiva, que o que quer que

haja eu bendigo. Lacan se perdeu aí nesse lugar. Mas não temos como discernir por enquanto essa questão.

Mas há questões pragmáticas seriíssimas, tanto na construção e no desenvolvimento das instituições psicanalíticas, quanto na questão da Formação do Analista. É sobretudo isso que está em nossa visada aqui neste Simpósio. Eu gostaria que o Sr. nos brindasse com alguma narrativa da sua experiência, que é longa nesse campo. E incluí fatos meio escabrosos no Brasil. Vou colocar, por exemplo, três questões básicas. Tivemos espalhados por todos os jornais brasileiros o problema dos lobos, carneiros, leões... Era uma fauna espantosamente difícil de lidar. Aquilo fez um movimento horroroso. Num momento desses, a gente pergunta se não será responsável por isso a mania de sigilo, pelo menos no interior da instituição. Eu, pelo menos, penso assim, que o analista tem que manter o sigilo por uma questão que, para mim, não é nem de ética, e sim até uma questão política. Uma questão de sobrevivência dele e de seu analisando no mundo. Há perigos, há tudo isso. Mesmo que a ética não esteja decidida pela filosofia, pela psicanálise, há essa questão pragmática, política da sobrevivência de cada um. Mas, *no interior da instituição analítica, peço a suspensão do sigilo*. Do seguinte modo: há uma tendência a acontecerem fenômenos como esse, em função, às vezes, da política externa à instituição psicanalítica, do país. Uma política de exceção – torturas, etc. – que, a meu ver, nem é uma questão de discutir se é ético ou não, e sim que é inaceitável, por consenso, naquele grupo, ou por quem pensa na possibilidade de jurar sobre determinados direitos humanos, etc. Não se aceita isso.

Minha primeira questão é: se dentro da instituição, entre pares, o sigilo pudesse ou devesse ser suspenso a cada questionamento desse tipo, talvez tivéssemos condições não só de estar mais atentos a esses acontecimentos – mesmo que não se possa sancionar nada, pelo menos estar atentos –, mas também de evitar,

um pouco, que isso se desenvolva até pontos tão escabrosos. Ou seja, trazer à baila, pelo menos na conversa entre pares, etc.

Outro fenômeno que aconteceu, bastante grave, foi na instituição de Lacan, a Escola Freudiana de Paris, no momento de sua morte, da morte da instituição, antes ainda que Lacan morresse. O genro de Lacan, chamado Jacques-Alain Miller, uma figura notória no mundo inteiro – e que era meu amigo na ocasião –, foi praticamente acusado, à boca pequena, e dizem até mesmo que por seu próprio analista, de ter dito em sessão que estava falsificando documentos, assinando cheques em nome de Lacan. Isso é uma quebra de sigilo em torno de uma coisa escabrosa. Supondo-se que fosse verdade. Correu isso pela Europa, e está publicado em livros como a biografia de Élisabeth Roudinesco sobre Lacan.

Em minha experiência de organização de instituição psicanalítica, e mesmo de gestão dessa instituição, fiquei por diversas vezes profundamente chocado com o uso que alguns analistas – e não adianta falar de escrúpulos, ou disso ou daquilo, pode ser simplesmente lá a neura de cada um, não sei – fizeram do sigilo para a manipulação do poder dentro da instituição. Então, acho que, se não temos resposta definitiva sobre a questão, pelo menos ela deveria ser mantida de pé, e que poderíamos discutir longamente. É sobre essa coisa que eu gostaria de seu depoimento, de sua experiência. Minha proposta, repito, é: entre pares, no seio da instituição, que se se suspenda o sigilo quanto à análise de algum colega. Naturalmente, o sigilo será suspenso pelo analista desse colega. Isto, para se deixar pelo menos à tona alguma visada que não tenha sido posta. Não que o analista terá a autoridade de que “está errado, a pessoa agiu mal”, e sim que, pelo menos, diga a visada dele. Isto porque o outro pode estar dizendo uma visada contrária e prejudicial. Pelo menos, teríamos duas visadas colocadas, limpamente, para as pessoas pensarem e analisarem durante décadas, entre pares. É uma primeira

proposta. Eu gostaria de sua experiência sobre isso, que pode nos esclarecer muito. Sobretudo, naquele caso escabroso.

* * *

Dr. Ernesto La Porta – Realmente, é isso aí. Como me foi dito que não iríamos abordar casos de Sociedade, nem de nomes de pessoas, pois seria difícil fazer isso... Eu teria que trazer um processo, um processo infundável, interminável. Ainda não terminou. Pensam que terminou lá no Conselho Federal, mas não, vai voltar. Voltar para cá, e porque eu quero.

Eu aqui, naturalmente, fui aprendendo com a experiência. Até surgir essa fauna, não tinha tido problemas, não tinha visto problemas, pois, em minha análise inicial, que durou seis anos, meu analista – como digo sempre, fui o primeiro a deitar no divã (...) – era um indivíduo que transpirava ética. Ele, como eu disse, aqueles dois que vinham vindo, tão parecidos, um sorridente o outro sério. O sério era o Mário Martins, um indivíduo que era ético, nem sei se ele sabia por que era ético, mas transpirava ética, provocava a identificação com ele (...), ficava-se numa condição de ser ético. E, como disse, e como penso, o sigilo deriva da ética.

Essas considerações do Magno, realmente, são coisas para pensar. Vou dizer da minha experiência. Quando surgiu um problema, eu era diretor do Instituto. Esse problema se relacionava com uma pessoa que se analisava com outro analista. Então, quando ouvi os primeiros comentários, e quando eles começaram a aumentar, fui ao consultório do outro. Não pedi que infringisse o segredo profissional, fui para informar que, como diretor do Instituto, eu estava sabendo, estava ouvindo. E, para minha surpresa, ouvi dele: “O que estão dizendo é um ataque à psicanálise!”

Além de ser professor, como qualquer outro da sociedade, eu era didata. Eu estava dando também um curso particular sobre psicoterapia de grupo – da qual sou pioneiro no Brasil, embora não faça mais – para colegas, analistas já formados. Havia também candidatos estudando nesse curso. E lá dentro desse curso, ouvi pela primeira vez uma informação do co-terapeuta do grupo. Havia um grupo para eu fazer a supervisão depois de ter dado teorias. Então, ouvi do co-terapeuta que alguém tinha acusado um terapeuta daquele grupo de práticas antiéticas, enfim, desumanas, etc. A princípio ouvi aquilo como se fosse, podia ser transferência, transferência negativa. Já tinha vinte anos de especialidade de análise e cansei de ouvir coisas a meu respeito que absolutamente não tinham ocorrido.

Faço aqui um parêntese. Quando eu estava em Porto Alegre, surgiu lá um Conde Luciano De Laporta. E meu nome é La Porta. Então, houve muita confusão porque esse Conde fazia cada uma, e pensavam que era eu. Eu me lembro de umas férias minhas numa praia lá perto de Porto Alegre enquanto esse homem aprontava as dele. [*Corte no áudio: 3 min*] Então, quando cheguei, retomamos as férias, tinha gente de cara fechada comigo, meus analisandos. Eu não sabia o que era (...) Comecei a ver aquilo sem entender nada. Até que, um dia, descobri que o tal Conde De Laporta tinha feito um escândalo naquela praia onde eu também tinha estado. Aconteceu que, a cada coisa que o Luciano fazia, era o doutor La Porta quem pagava. Foi uma coisa trabalhosa...

Venho aqui neste momento para mostrar que quando aquele rapaz, aquele co-terapeuta do grupo em que eu estava começando a fazer supervisão, disse que tinham dito que ele era um malfeitor, pensei que podia ser transferência ou questão de nomes como aconteceu comigo. Mas, com a repetição da história e, sobretudo, com o que veio lá de fora – porque senti meu consultório invadido, todos os clientes falavam do assunto –, fiquei perturbado com aquilo. E, como não sabia nada a respeito

daquela pessoa, fui falar com quem era analista dele. Fui eu como diretor, dizendo: “Está acontecendo isso”. Ele, casualmente, era presidente da Sociedade e, ao mesmo tempo, analista daquele paciente. Ele, então, poderia me dizer alguma coisa que eu, como diretor do Instituto, tinha que saber. Não pedi que violasse o segredo profissional, mas simplesmente que me dissesse alguma coisa. Inclusive, eu disse que vou acabar com esse curso particular que estou dando, que não vou continuar com isso. Inclusive, o ponto que me fez convencer de acabar com o curso. Ele disse: “Pode continuar com o curso sossegado, que isso é um ataque à psicanálise”. Eu digo: “Bom, se é ataque à psicanálise, se isso é boato, eu terminar com o curso é dar apoio a esse boato, vou continuar”.

Mas aí, uma pessoa com quem me dava muito e que vocês conhecem, o Antônio Sérgio Mendonça, disse: “La Porta, estão dizendo que o Dr. La Porta manda clientes para esse fulano”. Eu disse: “Pois é, mas ele tinha que formar o grupo, e não tinha gente suficiente, e mandei alguns que estavam em minha fila. Mas agora não vou mandar mais e não vou fazer curso. Se é ataque à psicanálise ou não, não quero saber. Só quero saber que esse assunto vai ser encerrado aqui comigo”.

Aí então eu queria responder mais diretamente a teu comentário, Magno, que é o seguinte. Acho que tem que se distinguir entre sigilo e proteção. Se o indivíduo, depois de determinadas situações, guarda sigilo é uma questão da ética dele. Mas, depois de as coisas ficarem muito escancaradas, proteger essa pessoa, cercar de um véu de proteção, isso não, isso não pode. E isso consta inclusive de um relatório da Associação Médica Brasileira, em que um analista que era presidente da Internacional, fazendo um relatório sobre o tempo em que foi presidente, disse: “Percorrendo diversos países, principalmente da América Latina, onde tinham acontecido várias coisas, por regimes militares, a coisa mais grave que houve foi um analista proteger seu analisando, com véu de proteção, etc. e tal”. Ele declara que

houve então uma erupção de um grupo que opôs. Aos poucos, foi se formando um grupo, que se opôs...

Acho, então, que o sigilo pode ser mantido, mas proteger e continuar a análise de uma pessoa que está sob suspeita disso ou daquilo, não compreendo também. Aí passei a não compreender, como uma análise de não sei quantos meses – disse que eram dezoito meses, mas, pelos meus cálculos, eram trinta meses –, como esse indivíduo foi conservado em Formação psicanalítica e só saiu nessa ocasião. Por que essa situação não foi tratada dentro da ética?

Magno – *Como seria?*

Tratado dentro da ética seria o seguinte, vou dar um exemplo. Tive um paciente, que estava em análise comigo. Não tinha nada a ver com essa coisa política, pelo contrário, mas que começou a fazer certas coisas. Tenho que falar assim, meio por alto, para não dar nomes e não criar situações, mas, lá pelas tantas, começou a agir de determinada maneira, que eu lhe prevenia: “Se você continuar fazendo isso, vou interromper a sua análise”. E ele continuou fazendo. Chegou o dia em que ele apareceu para me pagar – porque nem aparecia para me pagar –, me pagou e disse: “Até amanhã”. Digo: “Não. Nós marcamos uma data para você dar início a uma mudança, que você pode fazer. E você se negou. Você não quer fazer. Não está fazendo. Não posso aceitar que isso continue. É uma questão de ética, e você tem que, então, interromper, está interrompido”. Isto aconteceu com outro caso também, sem qualquer semelhança com aquele outro caso... Portanto, não protegi. No caso desse rapaz, inclusive, ele estava com problemas com a mulher, e pediu que eu indicasse um analista. Indiquei um analista para ela. Ela começou a fazer a mesma coisa que ele, faltar às sessões e chegar no fim do mês me pagar, e depois continuar faltando e faltando. Não posso aceitar pagamento de uma pessoa que não comparece às sessões, por consequência eu lhe advirto, que isso não pode continuar. Muito bem,

interrompi. O outro, a mulher, pelo que fiquei sabendo, chegava no final do mês pagava, e depois não ia. O analista recebendo dinheiro sem prestar o serviço, a análise que tinha que fazer. O paciente não aparecia, como ia fazer análise? Para mim, isto era uma situação antiética e suspendi quando considerei que ele não estava tomando providências no sentido do que eu falava.

Magno – *Como sou extremamente chato, vou insistir em minha pergunta.*

Mas não terminei. Vou dizer mais. Aí acontece o seguinte. Naquele caso que você falou de o colega abrir-se com os outros, tudo bem. Se ele acha que deve se comunicar com os outros analistas, vamos dizer, da cúpula da sociedade. Mas não houve isso. O que houve foi: “Isso não é verdade, é um ataque à psicanálise”.

Magno – *Isso é um caso de proteção...*

Isso para mim é um caso de proteção do indivíduo que está cometendo coisas perversas e, se não mudou em trinta meses, ou até numa análise anterior – já vinha de uma análise anterior de uns dois anos –, como essa análise vai continuar com um indivíduo fazendo assim, matando criancinhas, vamos dizer assim. Não é possível. Nesse caso, o indivíduo, depois de certo tempo, demonstrou que não estava querendo sair daquela situação, não tem condições de continuar. Nesse caso, minha opinião é: Não se trata de questão de segredo profissional, trata-se de que uma condição dessa não pode continuar. Analista não tem que proteger, e sim marcar uma data para dizer: “Se você quer continuar a análise e, sobretudo, se quer continuar a Formação, não pode continuar fazendo o que faz”. Pelo menos, cortar a Formação e análise terapêutica, se for o caso, se houver esperança, prosseguir. Mas a Formação, de jeito nenhum. Um analista não pode estar sujeito àquela, vamos dizer, condição de que se falava.

A proteção continuou porque, ao invés de o analista dizer: “Olha eu tinha esperança que ele ficasse bom”, qualquer coisa assim, assim, tal e tal: “Eu sabia

disso ou daquilo, mas esperava isso ou aquilo”, não, continuava dizendo que era um ataque à psicanálise. Porque a pessoa culpada de tudo isso é que deve ser punida. Então, se ele ficava escondendo, como nós íamos tomar (...) Ficamos atônitos. Eu pelo menos fiquei. Isto se deu na metade do último ano em que eu estava na diretoria, lá por outubro, novembro. No ano seguinte, explodiu essa situação. E, em março, haveria eleição para a nova diretoria. O presidente disse: “La Porta, vamos continuar?” Eu disse: “Não, não continuo na diretoria”. Ele disse: “Por quê?” Eu disse: “Porque não, posso ter a minha decisão...” Mas, para não criar caso, eu disse a verdade: “Olha, pedi hora em um analista de São Paulo. Vou ter que ir às quintas-feiras para lá, voltar sábado de manhã, fazer o mínimo de sessões possíveis nesse período. E não ter tempo mais para nem tomar conta direito de meu trabalho, de minha clínica. Por consequência, não quero nenhum compromisso”. Mas, ao mesmo tempo, eu não queria, porque aquelas coisas já estava me incomodando.

Durante dois anos, fiz essa análise em São Paulo e, naturalmente, isso veio à tona na análise. Voltei em fins de 1975 e, em 1976, convidei o Dr. Fábio Leite Lobo para ser presidente da Sociedade. Isto, para acabar com aquela situação que, embora estivesse amortecida, não estava sendo, vamos dizer, não tinha sido resolvida. Ficaram dois teimosos. Eu, contrário àquela situação, tentando barrar a permanência da pessoa na presidência, que continuava protegendo. Em um Congresso em 1978, eu e o Fábio, só nós dois, tentando dar voto aos membros associados, apoiando o movimento dos membros associados, fomos punidos com uma advertência. Eu digo: “Vamos continuar”.

Fim de 1980: Pellegrino e Mascarenhas são expulsos. Não concordei porque o que disseram foi a verdade. Eles tinham dito a verdade, não concordei, fui punido, suspenso por um ano e cassado (...) Então, com meu dinheiro, fui lá em Helsinki, ao Congresso Internacional de Psicanálise, fazendo uma parada em Paris por uns dias

para pegar outro avião e para ir para lá. E mandei no tempo que sabia que entraria na reunião da Internacional, aquilo que eles chamavam de *business meeting*, para tratar de assuntos das sociedades, e tinha tempo determinado para mandar, e mandei no tempo determinado – um relatório sobre o que tinha acontecido. Mandei para todos os membros do *Council*. Então, quando cheguei lá, fui chamado para conversar com o Conselho da Internacional durante uma hora e meia. Queriam saber detalhes sobre esse assunto, e eu disse tudo que sabia. Não pude dizer mais porque, depois de uma hora e meia, eles se deram por satisfeitos. Depois, entrou o outro, que saiu cabisbaixo. No dia do *business meeting*, eu estava sentado no anfiteatro, o presidente da Internacional olhou para mim e disse: “Quanto à questão do Rio de Janeiro, nós vamos lá”. E apontou para mim. Então, provoquei a vinda deles.

Mas antes, em 1979, achei esse cidadão, que estava na lista para ser vice-presidente da Internacional, na América Latina... E saí em campo para pedir que botasse um outro no lugar dele porque havia condições, que poderiam se tornar internacional e que isso faria um mal à psicanálise, na minha opinião. E ele foi derrotado. Naturalmente, ficou até aqui comigo, e então procurou me envolver em uma situação que eu não tinha nada a ver com aquilo. Aí é que eu dei uma boiada para continuar na briga. Estou nela. Não sei se respondi...

Magno – *Bota boi nisso... Eu gostaria de pedir que o Sr. fosse um pouco mais preciso. Sua fala estabeleceu uma distinção entre proteção e quebra de sigilo profissional. Entretanto, do ponto de vista estritamente lógico, uma coisa implica necessariamente a outra. Quer dizer, no que tento romper uma proteção indevida que alguém está exercendo a favor de algum delinquente dentro da Instituição, estou também fazendo uma quebra de sigilo. Não há como não ser. Essa é uma das questões. Por outro lado, por sua narrativa desenvolvida até agora, fica parecendo evidentemente claro que somos ambos a favor da quebra de sigilo, e inclusive de*

chefes da IPA, quando se trata de um caso desses. Isto porque, afinal de contas, o sigilo foi quebrado. Sua presença lá foi de narrar tudo que acontecera, etc. Sendo seu ou não o analisando, mas acontecendo alguma coisa no nível da instituição. Digamos que, dentro dessa hierarquia que existe de fato e de direito na Internacional, eles poderiam ter convocado eventualmente o analista do moço.

Convocaram.

Magno – *E pediram que ele desse um depoimento?*

Eu não estava presente, mas foi o que eu disse: ele saiu cabisbaixo.

Magno – *Isso, não deve ter sido por nada, não é? Aí temos todo um aparelho institucional, inclusive, com hierarquia, até em nível internacional, com sedes supremas, etc. O que não acontece em muitos grupos analíticos, que são centrados no acontecimento local, etc. Então, eu lhe pergunto mais uma vez da sua opinião, já que vimos que, de fato e de direito, isso é possível e tem acontecido, se, quem sabe, do ponto de vista da própria Formação e da própria reflexão de cada uma das instituições a respeito de seus formandos, não deveria existir – não gosto da palavra comissão de ética, pois ética é uma coisa absolutamente indefensável com universalidade hoje em dia: cada um pode ter a sua, mas não vai encaixar uma com a outra – entre pares, entre aqueles que são considerados membros de determinado nível na instituição, se não se deveria pedir, a cada questão mais ou menos grave, que se quebrasse, regionalmente, o sigilo para se discutir a questão.*

Às vezes, até por uma questão muito mais simples do que essa. Em seu caso, por exemplo, houve uma confusão com o nobre lá que era meio esbórnia, não é? Uma confusão de nomes entre um cavalheiro de esbórnia e um analista que nada tinha a ver com aquilo. Mas, muitas vezes, as pessoas falam por falar, no nível contratransferencial, no nível de transferência negativa, inventam coisas, etc. A gente também tem que aguentar, paciência, são ossos do ofício. Frequentemente,

digo a meus amigos e alunos que gostaria de ser pelo menos metade do que dizem que sou. Se eu fosse metade, seria maravilhoso, de tanto que falam mal de mim. Dizem que sou milionário, que como todas as mulheres, é uma maravilha. Então, se fosse a metade, já ficava feliz. Não temos que dar satisfação ao público, mas, entre pares, podíamos limpar a área frequentemente. Hoje, estamos no que McLuhan, já nos anos 1960, chamava de aldeia global. A fofoca come solta, vai para jornal, televisão. Então, não sabemos como nasce determinado maldizer, ou bendizer, ou até uma boa fama. Às vezes, é falsa. Mas, repito, entre pares, deveríamos ter condição de discutir a questão.

Vou lhe dar um exemplo, completamente diferente, que parece inócuo, mas que, entre pares, deveríamos esclarecer. Algo que já me aconteceu diversas vezes. Um analisando meu, no caso, analisando em Formação, ou já analista da Instituição, etc. – os outros temos que aturar e manter o sigilo, paciência! –, tem uma “mazela” (entre aspas, pois posso achar mazela ou não) em sua vida. E ele próprio se encarrega de bater boca pelo mundo, falando dessa mazela. Acontece alguma desavença dentro da instituição – e isto aconteceu comigo – e esse mesmo analisando começa a dizer que fui eu que disse aquilo. Não posso fazer nada. Tenho até provas de pessoas que ouviram essa pessoa dizer aquilo em público, e sabem que foi ela mesma quem disse, não fui eu. Mas, entre pares, para se esclarecer as coisas no nível da Formação e da reflexividade dentro da Instituição, e mesmo para se manter o mínimo de seriedade dentro do processo, acho que deveríamos ter condições de discutir. Entre pares, repito. O que o Sr. acha?

O que posso dizer é que, naquela situação, a pessoa se defendeu considerando que não tinha que dar informações, porque aquilo era um ataque à psicanálise.

Magno – *Baseada no sigilo, certamente.*

Dizendo respeitar o sigilo, dizia que não era verdade, que isso era um ataque à psicanálise – e não era verdade. Na primeira vez que falei, ele disse isso e eu disse: “Bom, se é um ataque à psicanálise, é por que o outro não é o que estão dizendo. É dedução”. Na segunda vez que falei e disse que ia terminar o grupo, também repetia a mesma coisa. E lá, *inter pares*, repetia a mesma coisa: “É um ataque à psicanálise”. Não falava sobre fulano, não dizia isso nem aquilo, só repetia isso. Então, todos tinham que ficar, a princípio, diante daquela situação. Não podemos concordar com o que está acontecendo, pois o analista do paciente não disse nada.

Magno – *O Sr., pessoalmente, a que atribui esse analista ter sido tão insistente?*

(...) Recebi o jornal do Conselho Federal de Medicina e, por acaso, vi ali: Punições. Vi o nome do fulano. Foi punido de uma maneira...

Magno – *Saiu nos jornais?*

Saiu. No Conselho também. Então, acho o seguinte, eu não me sinto no direito de dizer o que que ele é. Só digo que não admito que ele, até hoje, continue. Hoje, ele nem protege mais (...), mas protege a si próprio. Não só protege a si próprio, como tenta incluir outras pessoas, na situação. Como tenta fazer comigo. Então, por que estou na briga? Não é só na defesa da psicanálise, é na defesa da minha pessoa também.

Acho que, *inter pares*, como você está falando, não deveria, a princípio, ter que chegar a esse ponto de colocar fulano de tal, é assim ou tal... Não precisava chegar desde que ele fizesse como fiz com aqueles pacientes que não estavam sendo éticos, que não estavam procedendo de maneira correta, dei um jeito de eles então saírem. Ele tinha que fazer isso. Se ele conhecia, estava sabendo, e isso vinha já de outro analista. E depois de tantos meses de análise. Impossível que não tivesse percebido alguma coisa.

O pior é que há um grupo muito grande, chefiado por um colega de prestígio, que é um falso *self*. Em minha opinião, ele não deveria ser respeitado como é. E eu talvez parta para cima dele também, porque este outro escreveu uma carta que a Sociedade aprovou contra uma minoria: eu, Hélio Pellegrino – o Mascarenhas não aparecia nessa época – e um grupo que se denominou *Fórum*. Eu estava dentro desse Fórum, era o único didata dentro do Fórum, eu já tinha sido reintegrado. E quando a Internacional veio, se reuniu a diretoria (...) pediu demissão e suspendeu logo todas as punições. Mas isso é uma história que levaria meses contar aqui.

Magno – *É preciso publicar esses autos.*

Pois é. Mas está atualmente, ainda, em parte sob sigilo, porque não se pode dizer as coisas antes de prová-las.

Magno – *Isto, do ponto de vista jurídico. Do ponto de vista da psicanálise é bom que a gente soubesse...*

O ponto de vista que está sendo analisado no momento é o do Conselho Regional de Medicina.

Magno – *É jurídico, em última instância.*

É uma instituição federal, governamental, que tem um departamento jurídico. O fato é o seguinte. Que para mim se um indivíduo, um didata, está analisando uma pessoa que é candidato e descobre que esse candidato tem problemas sérios que não permitem que ele seja analista, ele que tem que dar um jeito de acabar com aquela análise. E, portanto, nem precisa levar a conhecimento (...) Ou, se levar, se alguém perguntar: “Por que que fulano saiu da Formação?” Então, eu diria: “Porque ele não estava agindo da maneira que acho que deveria ser correta”. Ou, então, eu diria: “Porque apresentou problemas com a Formação e achei que não tinha condições, e disse para ele: ‘daqui para adiante, sua análise está terminada’”. (...) Neste caso, se

fosse eu o analista deste caso, já teria terminado com a análise dele há muito tempo, antes de sair o tal boato. Teria saído, sim, comigo não ficaria.

Vou contar até mais. Tenho um candidato – foi candidato e hoje é analista de renome – que, de vez em quando, quando nos encontramos, ele tem muita intimidade comigo, diz assim (ele me chama de “Laportão”): “Laportão, te lembras quando entrei para a Formação contigo” – era já o início daquela revolução, lá por 1965-68, por aí, ele era o meu candidato – “que cheguei para você e disse numa sessão: ‘vou entrar para o exército porque estão pagando muito bem, e eu estou precisando de dinheiro, inclusive para pagar você melhor?’” Eu disse: “Negativo, não”. Ele disse: “Você precisa mudar a hora para eu entrar para o exército”. Digo: “Não tenho hora para mudar”. Ele insistiu: “Mas é necessário, La Porta”. Disse-lhe: “Então, vou lhe dizer uma coisa com toda a clareza: procure outro analista”. Quer dizer, já tinha o pé atrás nessas coisas.

Por azar, quando aconteceu a coisa, um parente meu – não se escolhe parente –, estava na chefia do SNI. Eu não tinha nenhum contato com ele nesse tempo. Então, ele quis me aproveitar, quis se pegar em mim para dizer: “Eu não vou mergulhar sozinho”. Tanto mais que, com o tempo, quando chegou em 1980 e, principalmente, quando chegou. Sabe que isso está no Código de Ética médica? Se um médico tenta passar para o outro, para um colega, seu erro e sem prova, ele está cometendo uma infração. Não havia coisa nenhuma contra mim, ele só mentiu. As testemunhas que mentiram. Vamos começar de novo.

Minha experiência é essa. Se fosse comigo, ele não era mais analista, pelo menos não era candidato. Se era doente, até podia continuar, mas como candidato, não. Agora, mesmo como uma pessoa que estivesse em análise, como ele já tinha tido dois anos antes com um analista e já estava há uns trinta meses com um outro, essa era uma pessoa que tinha mostrado que não tinha condições. Estava agarrado lá

naquele lugar, embora, tinha entrado numa situação de continuar lá, provavelmente porque aquilo dava dinheiro. Nessa ocasião, a análise dele foi interrompida, e aí é que pergunto: “Por que não interrompeu antes? Por que só interrompeu depois que arrebentou a denúncia?”

(...)

Durante muito tempo, ele foi um protetor. Até o momento que o outro começou a incomodar. Quando o outro começou a incomodar, ele então quis até arranjar um lugar para ele em Nova Iorque. Quer dizer: “Vai embora daqui, sai de perto de mim”. E tinha um amigo dele, do analista, que tinha uma clínica lá – era um analista que até sei quem é, foi presidente da Internacional, acho que era o Edward Joseph, que morreu depois. Mas ele indicou um lugar para ele lá. Ele, que era amigo daquele analista lá, como presidente eterno da Sociedade, que também era muito conhecido... Então, como digo, lá pelas tantas, então ele procurou [um lugar para ele fora], mas o sujeito quis ficar aqui e, através de um golpe, através de uma mulher, ele conseguiu ser reintegrado novamente como candidato. Esse golpe – estou cortando nomes, porque vou falando – da mulher foi o seguinte: teve um ataque histérico numa reunião de diretoria, deu um grito, deu um susto tremendo em todo mundo. Eu quase caí. Eu vi palidez pelas fisionomias. E ela então contou que não suportava mais, que fulano chegou na casa dela e disse que ia se matar, porque não via jeito de voltar para lá, para aquela coisa, que ele queria voltar, era o desejo dele. Então, ela achava que o pobre do coitado... E ele narra no livro dele que ela o chamou para matar uma cachorrinha, ou o cachorrinho, que estava doente.

Magno – *Já estava acostumado.*

Então, diante disso, todo mundo ficou apavorado com aquele ataque. Eu disse: “Está bem, volta, volta, readimita-se como candidato. Agora, não tenho vaga”. E todos disseram: “Não tenho vaga”. Ninguém queria aquele abacaxi. Mas uma

senhora disse: “Manda ele falar comigo”. E ele não foi. É assim. Respondi um pouco o que você queria saber?

Magno – (...) *O pessoal aqui presente pode querer falar também.*

Se eu puder responder. Estou prevendo um ataque tremendo, por ter vindo aqui. Não tem problema.

Magno – *Quando Eduardo Mascarenhas me convidou [em 1989] para fazer uma conferência³ na Sociedade de vocês, houve uma guerra lá dentro.*

Nós somos a minoria. Agora, essa minoria começou por um só: eu. Depois, segurei o Fábio Leite Lobo, que muitos de vocês conhecem. É uma pessoa com muita abertura, etc. Aí, quis fazê-lo presidente. Perdemos. Durante dois anos, ficou uma coisa meio assim, parada. Em 1978, nos levantamos. Porque o Fábio estava doente das vistas, eu disse: “Fábio, tu tens que ir, nós temos que votar a favor dos candidatos, eles têm direito a voto”. E o Fábio: “Só se tu vieres me buscar, e se tu me trouxeres no momento em que eu me levantar, porque não tenho condições de ficar muito tempo”. Ele estava com problema de visão, tinha feito uma operação. Fui buscá-lo em casa. Ficamos lá na Sociedade, e quando a diretoria – nós não fazíamos parte da diretoria – deu o veredito: “Não será dado o voto aos membros associados”, os membros associados se levantaram. E, ao mesmo tempo, o Fábio se levantou, e ele tinha combinado comigo que, na hora em que ele se levantasse, que eu me levantasse também para levá-lo. Então, nos levantamos todos juntos, foi um levante na sociedade. Resultado: dois dias depois, o Fábio e eu recebemos uma punição, advertência. Eu disse: “Bom, agora vamos ficar de tocaia”. Enfim, tem tanta coisa, que não dá para descrever.

³ Texto da conferência publicado com o título “O Artificialismo Freudiano”. In: MAGNO, MD. [1989] *Est'Ética da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 1992. p. 212-227

O fato seguinte foi grande e forte. Foi em fim de 1980 quando o Hélio e o Mascarenhas foram expulsos. Aí, eu, que era membro efetivo, didata, não fiquei sabendo, fiquei sabendo pela imprensa. Então, eu disse: “Qual é o motivo?” Chamaram os didatas de “barões psicanálise”. Tem alguns que são mesmo. Porque só têm analistas candidatos à Formação. Então, eles têm uma clínica cativa. Foi o que eles disseram. Então, isso é verdade. Por que vão expulsar um indivíduo que diz a verdade?

Aí que quero repetir algo já falei no livrinho que mandei para Porto Alegre, sobre ética, psicanálise e poder. Defino ética assim: Ética tem como cerne, como essência, a verdade. Dizer a verdade é ser ético. Um professor de psicologia diz que há a mentira ética. Qual é? Por exemplo, um indivíduo que vê um sujeito que fugiu de um cativeiro onde ele estava sequestrado se esconder em determinado lugar. Em seguida, vê chegar o sequestrador que lhe pergunta se viu passar um fulano assim e assim. O sujeito diz que ele passou para lá. Diz o professor que isto é uma mentira ética. Digo que não é mentira, pois ele enganou o bandido. Então, se meu país é invadido por estrangeiros e me perguntarem onde está o exército de minha pátria, direi o contrário de onde ele está. Isto, para proteger meus compatriotas. Não estarei mentindo, e sim enganando o inimigo. Enganar é uma coisa, mentir é outra.

Magno – *Boa saída.*

Essa situação, a situação que chegou com o Hélio e a instituição, já falei. Fiquei contra porque, inclusive, fui punido também. Mas fui punido principalmente, a meu ver, porque receberam a informação de que eu tinha escrito, tinha mandando um dossiê para a Internacional. Então, me suspenderam como membro efetivo. Isto porque, naquele dia lá na Internacional, na *business meeting*, só os membros efetivos poderiam votar. Então me suspenderam como membro efetivo e eu não poderia votar. E, além disso, não poderia mandar (...) nada porque um membro efetivo

punido, suspenso – eu não tinha mais a condição de membro efetivo – não tinha o direito de mandar coisa nenhuma. Mas, quando cheguei em Helsinki, fui me inscrever, eu tinha por acaso me encontrado com todo o Conselho da Internacional. O Presidente e os membros dos diversos países. Então, falei com eles, cumprimentei, eles me cumprimentaram alegres, tudo mais. Me despedi e disse: “Dá licença, vou me inscrever ali”. Quando fui me inscrever, diz a secretária: “Dr. La Porta, recebemos uma carta de sua Sociedade dizendo que o senhor está *unable*, portanto o senhor não pode se inscrever”. Me virei para o Presidente e disse: “Não querem me inscrever, dizem que estou *unable*”. Ele foi lá e disse: “Inscreva o Dr. La Porta”. Aí, fiquei com todos os direitos, de comparecer.

Magno – *Qualquer semelhança com o Congresso Nacional é mera coincidência, não é?*

E como disse, depois – cheguei numa sexta-feira lá, frequentei o congresso e tal –, no domingo de manhã, fui chamado para uma conversa particular com o todo o Conselho, e disse tudo o que sabia. Isto, às voltas com meu inglês ruim. Mas estava um brasileiro do meu lado, o David Zimmerman, e disse: “La Porta, quer que eu te ajude com teu inglês?” Eu disse: “Quero” – mas logo veio uma de lá fiscalizar o que estávamos falando. Mas o fato é que eu disse tudo, com toda a convicção, toda a minha garra. E, depois de uma hora e meia, eles disseram: “Obrigado”. Me levantei, cumprimentei todos, saí satisfeito. Agora, depois entrou o outro, e aí me disseram que saiu de cabeça baixa. Tem muita coisa mais aí, mas eu nem pensava chegar até aqui.

Magno – *Então, vamos mais um pouquinho.*

• Pergunta – *O Sr. não acha que a proposta feita por Magno, de haver a discussão inter pares, evitaria um pouco essas punições unilaterais a que o Sr. se refere? Não haveria uma abertura maior no sentido de se discutir inter pares os*

casos. Então, não seria opinião unilateral, todos teriam a oportunidade, dentro da instituição, de se manifestar. (...) No caso do Mascarenhas, o Sr. disse que não soube da punição...

Respondo dizendo que aquilo foi uma situação inédita. E a pessoa se defendia, de início, dizendo que não era verdade, que era um ataque à psicanálise, logo estava defendendo a pessoa. Então, ele estava dando satisfação para os colegas da cúpula da Sociedade. Então, não se tratava aí mais de um segredo profissional, e sim da palavra de uma pessoa que não estava comunicando determinado fato e dizendo que tudo era um ataque à psicanálise. E, então, todos os outros, a princípio, tinham que aceitar. Se estava defendendo só a psicanálise, não estava acusando nada. Não estava dizendo que fulano é assim ou assado. Portanto, não se tratava nem de um caso de discussão *inter pares*, porque não havia discussão, nem tema. Se ele dissesse: “Fulano de tal é assim, nessas condições, o que vamos fazer, etc.” Mas não tinha isso.

Magno – *Mas ela está se referindo, por exemplo, ao fato de Hélio e Eduardo serem punidos e os pares não saberem...*

Os pares não, o par.

Magno – *O par.*

Eu é que não fui avisado. Não fui convocado para uma assembleia, ou para uma reunião. Eu não era membro da diretoria, porque nunca mais quis ser membro da diretoria. Para não ter que passar por circunstâncias daquele tipo.

Magno – *Mas os pares não são só a diretoria, não é?*

Pois é, mas naquele tempo eram poucos mesmo da diretoria. A diretoria era pequena. Tanto que a Internacional disse duas coisas que considero importantes. Primeiro, chegou no Rio de Janeiro (...) e depois de conversar com todas as camadas da Sociedade, tinham chegado à conclusão, veio por escrito, que, de fato, a

Sociedade estava sendo governada há muito tempo por um pequeno grupo, e que isso não podia continuar. Inclusive, citou o grupo mais forte em termos de poder, que era o Conselho. Este Conselho desmoronou-se diante dessa condenação da Sociedade. A Internacional condenou essa situação. Então, esse Conselho caiu, a diretoria continuou, mas no centro. E ainda tem um segundo ponto, que é o que me honra muito. O item quinto desta carta da Internacional diz assim: “O responsável, sem dúvida” – e de uma maneira enfática –, “da vinda da Internacional para ver as condições da Sociedade é o Dr. La Porta”.

(...)

Esse caso ocorreu assim como contei. Não houve nenhuma declaração da pessoa em torno do fato como sendo real, para poder ouvir a opinião dos outros. Não, simplesmente não era aquilo que estavam dizendo, e continuou protegendo. Só que acabou terminando a análise uns dois ou três meses depois.

Magno – *Quem ficou responsável? Porque foi esse analista que negou a informação, portanto...*

Sei lá por quê. Sinto como uma pessoa que vai se afogar, e que se agarra na outra. Tem uma questão aí no código civil, ou criminal, sei lá, que é a *chamada do corréu* – que está, inclusive, feita na minha defesa por minha advogada. No princípio, nem quis advogado. Eu digo: “Eu vou lá” – e fui lá com a minha cabeça erguida. (...) Mas, na última hora, é que realmente peguei advogado. A defesa, depois, feita para o Conselho Federal, escreve assim: a chamada do corréu. Casualmente, saiu depois no jornal, que recortei e coloquei na pasta. Aquele célebre advogado, Evandro Lins e Silva, declarando que é muito comum o criminoso querer passar a responsabilidade do crime para uma outra pessoa de renome. Modéstia à parte, de renome, naquele momento, era eu. Naquele momento, eu era a segunda figura, porque era um diretor. Eu era realmente muito conhecido naquele momento,

era muito procurado. Eu fazia muitos grupos, então tinha muita gente procurando grupo (...), individual era mais (...). Então, a chamada do corréu é: tentar passar sua responsabilidade para uma outra pessoa. E cita como exemplo o caso daquele guarda-costas do Getúlio, que foi para matar o Lacerda e matou aquele oficial da aeronáutica, Rubem Vaz. E que o assassino tentou passar dizendo: “Isso foi a mando de fulano de tal, de beltrano...” Foi iniciativa dele. Ele era um babá do Getúlio, ela amava o Getúlio. (...) Depois, na hora em que foi preso, disse: “Foi fulano que mandou, foi o General fulano de tal, deputado fulano de tal, etc.” Então, Evandro cita esse exemplo. E o próprio Código de Ética Médica do Conselho Federal de Medicina diz que é também uma falta quando um colega comente um engano e tenta passar para outro sem provas.

- P – *Existe um Código de Ética da Sociedade Internacional de Psicanálise?*

Por incrível que pareça, é de uns dois anos para cá, que a Sociedade está (...) A Internacional até mandou para nós, um pré-projeto, um anteprojeto de um código de ética psicanalítica. Que eu saiba, esse código até agora ainda não saiu. Incrível isso.

Magno – *Ainda bem, porque eu o li.*

Você leu o anteprojeto? (...) Tem ali coisas que a gente teria que dizer: “Aqui não dá para fazer isso, aqui no Brasil não dá”.

Magno – *Aqui no planeta...*

...no planeta, pois é. Mas o fato é que não saiu até hoje. E também tem mais uma coisa, haja coisa absurda. A Sociedade tem uma Comissão de Ética, mas não tem Código de Ética. Então, como é que tem uma comissão, e não tem código?

- P – *Em nome de quê, na Sociedade Internacional, o sigilo é considerado, vamos dizer, um código de ética?*

Eu exatamente, acho que isso estaria dentro desse anteprojeto, ou então seria introduzido. Porque antes não me consta que existisse (...)

Magno – *Em nome do lado do médico.*

• P – (...) *Código de Ética Médica...*

Acho que, como nós todos, no princípio, éramos médicos e fazíamos psicanálise. Então, o código de ética médica foi passado. Mas acho que é até anterior, como eu disse...

• P – *Tem a ver com a igreja católica.*

...que eu fui aluno de padres, embora, depois, tenha abandonado a religião. Mas essa parte, esse sigilo, achei que devia ser respeitado também na relação com os pacientes. Sempre achei isso. E, portanto, é uma questão já para mim pessoal, antes de ver o código de ética médica. Fui ver o Código de Ética médica depois que aconteceu tudo isso.

Magno – *Os jesuítas já estavam lá instalados.*

Acho que antes dos jesuítas, como digo, foi aquela história que meu irmão me contou e que Lupicínio Rodrigues cantou. Daí que nasceu minha concepção de ética. Não sabia direito o que era, mas aos poucos, claro!, fui sabendo.

• P – *O Sr. diz que é por conta da relação do bebê com a mãe, não é isso?*

Sim.

• P – *E os bebês que não tiveram esse tipo de relação?*

Coitados.

• P – *O Sr. acha que eles não têm ética?*

Eles têm muita dificuldade de serem pessoas éticas.

Magno – *Sempre têm essa relação com alguém. Este é que é o nível etológico. Me perdoe, Dr. La Porta, a intervenção. Meu cachorro era muito mais forte do que*

eu. Se resolvesse me estraçalhar, eu estaria ferrado. Ele jamais me deu uma pequena mordida, que não fosse carinhosa.

• P – *Por uma questão ética?*

Magno – *Questão ética, etológica.*

Pela minha experiência, por ter uma dificuldade com a mãe nessa etapa, a criança sofreu traumas, até microtraumas. Até uma mãe que parece que foi boa, pode... Tem um trabalho de Masud Khan – casualmente, um analista que saiu da Internacional também, não sei se foi expulso ou se saiu porque quis –, de muitos anos atrás, sobre os traumas acumulados. Ele relata que uma mãe aparentemente boa, mas que não dá realmente a atenção necessária, aquela criança vai ficando assim meio sem vida. Então, acho que uma circunstância dessa como a Sra. falou, acho que é um trauma tremendo. Se a mãe não ama o filho recém-nascido, se ela não dá aquela assistência que o filho necessita por preconceção, por predisposição biológica também, essa criança vai prosseguir a vida com dificuldades. Se não foi amada de saída, vai ser difícil de se manter dentro (...).

• P – (...) *Porque a questão é da admiração, não é?*

Mas a admiração também é parente da inveja, não é? Só é invejado quem é admirado. Aí que é preciso ter realmente aquela base – aquilo que chamo a base da ética – aquela situação de amor, de admiração recíproca, que vai se formando de maneira especular. Depois, naturalmente vai aparecendo uma outra figura, que é o pai. Esse é o encarregado de transmitir ao filho a ética, para a introdução do filho na sociedade de maneira ética. Então, a coisa é complicada. Realmente, para ser ético, não é fácil.

Magno – *É praticamente impossível.*

É difícil. Impossível não é, mas é difícil.

• P – *[sobre a existência do segredo]*

Tem que haver segredo, pois, se não houver segredo profissional, a pessoa se sente ofendida. Mesmo, por exemplo, em uma relação médica, se disserem o que ele tem – está com tuberculose –, ele vai ficar furioso. Se disserem que está com AIDS então, fica pior. Então, o segredo tem uma proteção do paciente. (...) Como comecei a falar antes, o segredo já começa com o próprio indivíduo consigo mesmo. Aquilo que eu disse de início quando falei no sonho, que o analisando chega e não conta a verdade. A verdade vai saindo aos poucos. Por quê? Porque ele não confia. Ele recalcou alguma coisa, escondeu, porque não confia em ninguém. Tem coisas que ele não confia. Então, por isso, o segredo sai daí também.

• P – *Quanto a essa questão do segredo, fiquei com dificuldade de compreender, que o senhor foi a Londres...*

Londres não, Helsinki. Muito mais longe.

• P – (...) *contou tudo que sabia. Aquilo lá era possível, contar tudo o que sabia?*

Por ter escrito, por ter defendido, fui punido, fui obrigado a não frequentar mais a Sociedade. Fui cassado como didata. Com quem eu ia falar? Eu falava com o pessoal do Fórum, que era o Pellegrino, o Carlos Alberto Barreto. Inclusive, meus ex-candidatos, ficaram comigo. Em solidariedade, entraram no Fórum. Tinha umas vinte ou trinta pessoas nesse tempo (...).

• P – *Mas (...) só foi punido em função do segredo.*

Foi exatamente por contar o que eu sabia como verdade.

• P – (...) *quem fala muito, paga a conta.*

Magno – *Não. Ali se tratava de uma situação de força, de poderes, constituídos, etc., que o puniu (...) Se fosse possível chamar todos os pares e dizer: “A situação está difícil”, poder-se-ia não chegar a conclusão punitiva alguma, nem punitiva, nem de elogio, mas, pelo menos, está em pauta a questão.*

Quando estava em pauta, a resposta era: “É um ataque à psicanálise”.

Magno – *Pois é. (...) decidiu que mantenho meu sigilo, então a responsabilidade é toda (...) desse que disse que é um ataque à psicanálise...*

E aí passaram a responsabilidade para o professor e diretor do Instituto. Isso é um absurdo. E só diz isso em lugares onde (...) se entende de psicanálise. Eu não sabia que estava dentro de uma armadilha. Só vim descobrir depois.

Magno – *E a armadilha é institucional. Porque ele só pode pôr o presidente ou o diretor na jogada porque consta que isso pode ser mantido, deve ser mantido em sigilo. Esta é a minha questão. Se houvesse algum mecanismo de colocá-lo em algum júri e dizer: “Agora você conta tudo aí. Mas você está dizendo que é porque é um ataque à psicanálise. Como? Defina para nós a situação”. Então, ele, baseado nisso, podia dizer: “Se estou mantendo o sigilo segundo certa ética, o diretor que manda em mim é responsável”.*

Não foi assim que ele falou.

Magno – *Mas na cabeça do advogado não existe essa questão.*

O advogado não sabe. (...) psicanálise, aquela questão lá dentro, como funciona uma sociedade secreta.

Magno – *Não fui eu quem disse. Tem gravador aí? Depois vão dizer que fui eu.*

O leigo do Conselho, o advogado e outras pessoas não sabem. Meu nome aparece (...) que eu estava dizendo. Vi na televisão, até mandei tirar aquela fita. Me deu até vontade de processar aquela pessoa que disse: “Pois é, o Dr. fulano de tal e o Dr. La Porta quiseram proteger o fulano, e tal e coisa”. E saiu na televisão.

Magno – *Saiu. Foi assim que vi.*

Você viu na televisão, a entrevista? Pois é, tenho aquela fita e, por enquanto, não posso, não quero criar mais caso. O problema é central, é uma coisa só.

• P – *Acho que isso que o Sr. disse de sociedade secreta está relacionado com a questão do que mantém esse quiproquó todo. Essa questão do Leão e do Lobo é a questão do sigilo, que, nas sociedades psicanalíticas, primeiro, me parece muito mais uma questão de mercado, porque (...).*

Não concordo que seja só isso. Acho, de minha parte, pelo menos, que o sigilo profissional é mantido para proteger o paciente. E naturalmente, como já expliquei, se ele não anda na linha de decência, de coisa ética, se ele não aprende a ser ético... Quando a gente propõe a regra fundamental e o sujeito fala tudo, é quando a verdade começa a aparecer. Se falar tudo, vai falar a verdade. Então, se o indivíduo agora confia em mim, fala a verdade que ele nunca falou para ninguém, talvez nem mesmo para ele, tenho a obrigação de respeitá-lo.

• P – *O Sr. Acha que a verdade pode andar na linha?*

Não. Acho que andar na linha é que é respeitar a verdade. É ao contrário.

Magno – *Também ele não disse qual é a linha.*

A linha que digo – talvez, é uma maneira de falar lá minha terra – é o indivíduo viver um tipo de conduta razoável, ética. De preferência, ética. Mas diante de certos deslizos do infeliz, do neurótico que sofre demais, não se vai logo mandá-lo embora, mas vai-se tentar que ele veja que aquele procedimento não está sendo correto.

• P – *Correto em função de quê? Qual é essa referência? (...)*

Aí é que está, ou essa coisa será definida em um código de ética de psicanalistas – o andar na linha é uma expressão que talvez aqui não seja corriqueira, é lá da minha terra: andar direito, ser um sujeito correto, uma pessoa honesta –, enfim, fazer tanto quanto possível aquilo que Aristóteles diz em sua *Ética a Nicômaco*... As pessoas não nascem sabendo essas coisas, mas são transmitidas, como eu disse, através da mãe e depois do pai. Agora, em ambientes em que não tem isso, dificilmente sairá de lá uma pessoa ética. E tem mais, uma pessoa que foi criada

de maneira ética, se ela sai a fazer coisas que não são da formação dela, ela fica doente.

Magno – *Ou, então, se cura. Das duas uma...*

Faz parte da saúde mental ela ser uma pessoa que observa seu Eu ideal. O que, na verdade, é respeitar ali a mãe. Porque uma coisa que o indivíduo menos admite é ser chamado de filho da puta. Porque ele não admite que a mãe dele...

Magno – *Sobretudo, quando ele o é.*

• P – *Pergunta sobre o Super eu e o Eu ideal*

A diferença entre o Eu ideal e o Super eu é que quem infringe o Super eu fica com sentimento de culpa, e quem infringe o Eu ideal tem vergonha.

Magno – *É a diferença entre o judeu e o grego, segundo alguns autores.*

• P – *Em nome dessa questão toda de manutenção do sigilo, desse depoimento todo, não fica parecendo que, justamente no que se tenta manter o sigilo, acaba-se quebrando o sigilo de maneira muito mais terrível, brutal, escrota?*

Se o indivíduo mantém o sigilo de uma coisa que ele sabe que está errada, aquilo não é sigilo coisa nenhuma. Está é protegendo uma pessoa.

Magno – *Mas a questão toda – e aí vamos entrar em grandes discussões filosóficas para as quais não há tempo hoje – é o saber se está errado. Naquela ocasião, estávamos vivendo uma situação política legislada de cima para baixo, em que o erro estava do lado de vocês, e não do lado do torturador.*

Não entendi.

Magno – *Segundo a posição política e mesmo a legislação do país naquele momento, quem era o errado? Só tinha um errado, o chamado comunista, que era um ser imaginário, nem existia. Então, ele estava defendendo a pátria. Não estava nem mentindo, como o Sr. disse. Ele estava enganando as pessoas.*

Mas enganar nesse caso não era enganar. Era enganar a todos nós que estávamos enganados por uma política totalitária. Quando citei o caso da diferença da mentira e do engano, citei diferente. Se um ditador quer que eu diga onde está o grupo que está em oposição, aí é que vou enganar. Isto porque não aceito a ditadura.

Magno – *Mas ele aceita.*

Exatamente. O grande problema é ele ser uma cópia fiel do que era a situação naquele momento.

Magno – *O que quero dizer é que se não abordarmos a situação do ponto de vista estritamente analítico, não teremos nenhuma faca capaz de fazer o recorte. É como a questão, por exemplo, de Heidegger dentro do Terceiro Reich. Não há como recortar isso. Segundo a moral do vencedor, hoje, há como recortar isso. Naquele momento era indecível. A não ser que se fizesse o recorte com outra ferramenta, que não fosse jurídica, que não fosse estritamente política.*

Heidegger, não sei por que, não sei se foi verdade que esteve tanto de acordo com aquelas ideias do Terceiro Reich. Há um diz-que-diz a esse respeito. Embora isso não tire a grandeza dele no que escreveu, etc. A verdade é que muita gente fugiu da Alemanha. Portanto, se o indivíduo que não estava de acordo com aquela situação e estava correndo perigo, que fugisse, que saísse de lá. Não era a nossa situação aqui no Brasil, pois eles nunca se meteram com a psicanálise.

Magno – *O que dói é que talvez nem precisasse.*

Não sei. O fato é que, em minha opinião, naquele tempo, havia as pessoas que estavam de acordo com a situação e que se identificaram com o agressor – para usar uma expressão analítica – e se mantiveram no poder muito tempo até ele ser derrubado. Como na Alemanha. Então, os que ficaram, e ficaram lutando contra o poder, esses não saíram. Alguns saíram da Sociedade e outros ficaram. Eu fiquei, mas fiquei correndo risco e brigando.

Magno – *Se pensarmos até em termos de tentativa de juízo, a questão é bastante mais abstrata. Talvez a gente não estivesse preocupada em saber se esse Dr. Fulano, que eventualmente estivesse corroborando com torturas de qualquer modo que fosse, etc., se ele era a favor ou não do poder constituinte, pouco importa. A questão maior aí era: “É aceitável ou não que se torturasse alguém, por qual motivo fosse?” A questão é mais genérica.*

Digo que tem um particular dentro do genérico. Era uma pessoa com uma convicção de grandeza, de prepotência, de superioridade, e cuja a palavra era inatacável. Ele era o representante da IPA – agora não é mais, agora as coisas se viraram –, e estava lá com seu um metro e noventa e quatro defendendo o que dizia que era a verdade. A verdade não é o que uma pessoa diz. Verdade é aquela que paira acima das fragilidades humanas. Não é inventada por uma pessoa.

Então, ali havia uma identificação com o agressor, porque havia também uma predisposição para ser igual ao ditador. Era um ditador, dentro da Sociedade era um ditador. Por isso, porque não me dou bem com ditador, acabei saindo da diretoria e, com o tempo, vim a saber que estava perseguido, que estava dentro de uma armadilha. Eles organizaram uma armadilha muito bem-feita. No princípio, não hostilizei ninguém. Pelo contrário, andei fazendo minha sondagem. Tenho testemunhas que foram questionadas por mim, gente que foi torturada, que encontrei e com quem conversei. Perguntei: “Como era o processo de tortura?” Ele me disse: “Era o seguinte, eram três pessoas. Uma, era o intelectual – ele chamou bem assim –, ou o líder. A segunda, era uma que me batia e que chorava enquanto me batia. E uma terceira, que me botava um estetoscópio de vez em quando”. E aí eu, já querendo desvendar qual era a verdade, perguntei: “Você viu, sabe quem é?” Ele disse: “Não, porque eu estava encapuzado, não podia saber”. Eu disse: “Mas você não era capaz de reconhecer pela voz?” Ele disse: “Não, Dr La Porta, não!” E

se levantou, saiu correndo. Fiquei sem saber o que era aquilo. Mas, depois, pensei e disse: “Esse sujeito está apavorado porque passou pelo sistema de tortura, imagina eu agora revivendo a situação”.

Mas deixa que a vida continua. Um dia, estou em frente do elevador do prédio onde tinha consultório, e chega esse rapaz, até sorridente. Porque, inclusive, tinha sido meu interno numa clínica que eu tinha com o Fabio, etc. Aí entra ele, e quando a porta estava se fechando, alguém aperta o botão do lado de fora, e eis que entra: o Amílcar – bom, falei o nome dele. Eu não queria dar nome aos bois, mas eis que entra o famoso caso do considerado torturador. Quando vi os dois juntos, perdi aquela coisa que tive quando fiz a pergunta indireta, e olhei para os dois. Eu vou acarear esses dois. Aí olho para o ex-torturado, com os olhos arregalados, olhando firme para o outro. O outro com a maior tranquilidade, olhando por cima. Me cumprimentou e olhou por cima. Aí eu disse: “Vocês não se conhecem?” Aí o cara olhou para baixo, com o rosto encostado para parede e disse: “Ah! Lá daquela clínica?” O outro, então, saiu daqueles olhos arregalados e disse: “É!” – e se cumprimentaram. Aí, abre-se a porta e sai o tal suspeito de tortura. Quando fecha a porta, o rapaz disse: “ Dr. La Porta, Dr Laporta, o Sr. tem cada uma”. Me passou um pito. E fiquei sem jeito. Então, senti novamente que estava mexendo com a ferida, e nunca mais ia perguntar nada. Hoje, este rapaz está com uma carta escrita, que está na minha defesa, provando que procurei saber a verdade. E isso era ainda dentro daquele regime.

Um dos meus advogados – praticamente não tive advogado – diz o seguinte: “Quando a gente precisa ir ao banheiro, estamos defendendo um direito líquido e certo”. Estou precisando ir.

Aristides Alonso – Agradecemos a presença do Dr. La Porta, e encerramos aqui nosso Simpósio. Muito obrigado

Anexo 1

Sobre o Simpósio *O Sigilo na Sociedade*

MD Magno

(...)

Vamos, então, fechar as atividades deste Simpósio para ver se dá para fazer uma certa unificação.

A intenção, desde o começo, era de fazer um *Simpósio*, como o nome está dizendo. Não parece, mas era. Mas isto é muito difícil de conseguir fazer. Não é muito o hábito brasileiro fazer simpósio, mesmo quando dão esse nome por aí. Parece que as pessoas não sabem bem o que é. Então, a gente ou tem que explicar, ou mudar o hábito.

Na verdade, como se faz um simpósio? Num simpósio – pegou-se o hábito, no Ocidente, de fazer simpósio por causa da leitura do *Symposium*, de Platão, que é o famoso diálogo d’*O Banquete* –, um fala e os outros ouvem, discutem e debatem. Então, na verdade, o simpósio seria: todos que têm algo a apresentar fariam sua exposição e estariam presentes a todas as exposições dos outros para poderem dialogar sobre questões fundamentais. Aí é que viria exatamente a troca. Sobretudo, quando a intenção é o que hoje está na moda, a chamada transdisciplinaridade, ou mesmo a interdisciplinaridade. Então, é preciso que todos que vão falar desde seu ponto de vista sejam escutados por todos os outros para haver troca de discurso.

Do mesmo modo como costume dizer que democracia é quando eu mando em você, e ditadura é quando você manda em mim, também temos isso entre os chamados intelectuais, que não conseguem entender o que seja efetivamente uma

troca simbólica dentro de um simpósio, de um congresso, etc. Não é, de modo algum, eu sair da minha e entrar na do outro. Não pretendo fazer isto, mesmo porque a minha está muito bem desenhada em função de muitos com quem até tenho prazer de conversar, está até mais desenhada como distinção. Tampouco querer que o outro saia da dele para entrar na minha. Muito pelo contrário, é para cada um ficar na sua e a trans-disciplinaridade se dar no interregno, no intervalo das falas. Quer dizer, espero que, quando o outro pensa lá do ponto de vista da História ou da Geografia ou qualquer coisa que o valha, determinado tema que passa ali, está chamando atenção para alguma questão, alguma abordagem, algum modo de equacionar, que não tenho conseguido fazer com meu campo. Então, vai me servir. Mesmo que o outro não esteja me criticando, me serve como crítica. As pessoas entendem isto muito mal.

Então, na verdade, toda vez que a gente tenta fazer um simpósio, como foi esta, há um fracasso de saída, pois as pessoas não fazem ideia do que seja. A gente precisa acostumar-las. Seria eu falar aqui do ponto de vista da psicanálise, e todos aqueles que estão, pelo menos, participando como falantes deveriam continuar, de seus pontos de vista, a questionar as coisas que coloco para ver se podem assimilar ou não. Mas isto não aconteceu, pois quando fala um os outros não vêm, etc. Então, é este o hábito universitário brasileiro: o famigerado hábito da transdisciplinaridade é uma coisa falsa, pois, na verdade, não existe. Cada um apresenta seu trabalhinho, recebe um papelzinho dizendo que fez uma palestra no simpósio tal, põe no currículo, pronto acabou. É para isto que o simpósio serve, para o pessoal fazer currículo. E também não suportam muito os embates das questões.

Não vejo – não sei se por ter um pouquinho de análise – nenhum motivo para ficar zangado pessoalmente com uma pessoa que, veementemente, do ponto de vista teórico, técnico, questione o que estou dizendo. Muito pelo contrário, se estou sendo

duramente, porém inteligentemente, questionado, isto me ajuda a recompor meus trajetos. Eu mesmo faço isso comigo. Há horas em que estou falando besteira. Os outros também podem fazer. Trata-se, pois, de discutir o assunto e verificar quais são os meios, os processos e as consequências.

Então, nessa discussão com o Dr. La Porta, viu-se que, em última instância, o interesse é nas instituições como meio jurídico: chegar por ação de verdade no nível jurídico e de punição. Não vejo motivo para isto. No *seio da instituição psicanalítica* – repito, pois meus inimigos gostam de espalhar por aí que sou contra o sigilo analítico para ninguém vir fazer análise comigo –, a questão não é ética, filosófica, não é nada disso, a questão é: política. Se você abre o sigilo, acabou-se, ferrou-se, pois o mundo é uma guerra. Não tem ética alguma nessa porcaria, porque ética é uma coisa discutível.

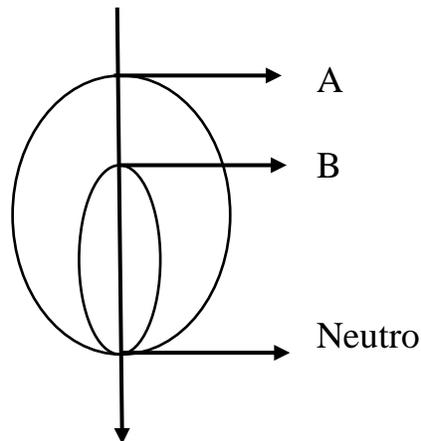
Minha questão no seio da instituição, aí sim, quer me parecer, faz parte da *Formação*. Acho que o que é compatível com a psicanálise – digamos que seja um ideal inatingível –, desde que ela começou a existir, se ela fosse efetivamente um discurso forte, presente, capaz de modificar o mundo, é ela fazer todos reconhecerem que o Inconsciente é assim mesmo, que é assim que funciona. E que, portanto, a gente poderia falar francamente tudo que acontece, tudo que pensa. É claro que isso é inatingível, mas deveria ser assim em casa, na família, etc. Se as neuras fossem diminuindo, seria interessante – mas é um ideal longinquíssimo. Mesmo não sendo isso, pelo menos no seio de uma Instituição analítica – e isto, a meu ver, faz parte da Formação do analista –, que toda e qualquer coisa que produzisse um conflito fizesse parte da Análise da Instituição. A primeira pessoa a efetivamente falar nisto foi Lacan, quando criou os AE, os Analistas da Escola, aqueles que poriam a Escola sob análise. Acho que isto deve ser mantido. Só que não é preciso de AE, pois qualquer um dos analistas deveria fazer parte disso.

Para a Instituição poder minimamente escapar da necessária constituição sintomática que ela é – pois instituição é um sintoma grave –, seria manter-se em análise pelos próprios analistas. Ora, para isto acontecer – o que resultaria em melhoria das análises individuais, melhoria da Formação, etc. –, seria preciso que sempre se dissesse qualquer coisa. Em não podendo ser assim, que pelo menos diante de qualquer coisa conflitiva, de qualquer coisa que alguém dissesse e de que outro discordasse, fosse possível que os pares, aqueles já considerados analistas da instituição, se reunissem e que se colocassem as coisas sobre a mesa. Isto, sem a menor necessidade de juízo final ou punição.

Vocês viram que, diante de algo dito pelo Dr. La Porta, fiz uma pequena intervenção falando que poderia ser arbitrário. Acho que foi quanto ao analista sozinho dizer: “Posso decidir que não aceito mais fulano na análise”. Mas não posso decidir que peremptoriamente não o aceito em tal ou qual situação se não puser às claras para a maioria dos pares. Posso, sim, dizer: “Comigo, não vai mais”. Mas acho que devo até declarar para os outros, entre pares, e não só dizer para ele. Acho, então, que, entre pares, deveria ser posto na mesa. Digo isto porque, na história do malsinado Colégio Freudiano do Rio de Janeiro, frequentemente, ao contrário do que se diz sobre os poderes do analista, o que tenho visto acontecer é o poder dos analisandos, que ali dentro são analistas, de contarem com a força absolutamente externa – que nada tem a ver com a psicanálise – do tal sigilo (que é herdado da igreja, da medicina, etc.) para manipular o poder dentro da Instituição.

(...)

Minha questão é prática e é teórica. Estou pensando em termos de Revirão, que é a ferramenta que tenho:



Fulano disse A, o analista. Sicrano disse B, o analisando. Se os analistas tiverem o mínimo de juízo, ficarão por muito tempo no lugar do Neutro. Ficarão permanentemente suscitando o Terceiro Lugar, mas mantendo a Análise da Instituição de pé. A questão para mim fundamental é *dentro* da Instituição. A sustentação do vigor da análise da Instituição e o aprimoramento das análises individuais no clima de: “Não adianta dizer isso, porque a gente vai ouvir tudo”. Pelo menos, para tudo há *Aufhebung*. Tudo em suspensão. E quem sabe até se, de certas feitas, não fica evidente quem está mentindo. Pode acontecer, pode ser algo tão deslavado, tão babaca, tão burro, que fica evidente. O que é um benefício para todos. Não se trata, pois, de acabar com o sigilo, pois é politicamente ruim, acaba com a atividade. A questão aí não é ética ou teórica, é politicamente impraticável. Mas, no seio da Instituição, toda vez que for necessário, o sigilo deve ser suspenso entre pares. Isto, para se dizer tudo, para manter a Análise e no sentido da manutenção da Formação dos operadores da psicanálise. (...) Não se trata de julgar

ninguém, e sim de suspender o que se está dizendo como se fosse a verdade, deixar em suspensão.

(...)

Anexo 2
Cartaz e folheto

UNIVERCIDADE DE DEUS
Rua Sericita 391 - Jacarepaguá, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Telefãx (021) 445-3177
CEP 22763-260. CAIXA POSTAL 37.700

Simpósio sobre
**O SIGILO
NA SOCIEDADE**

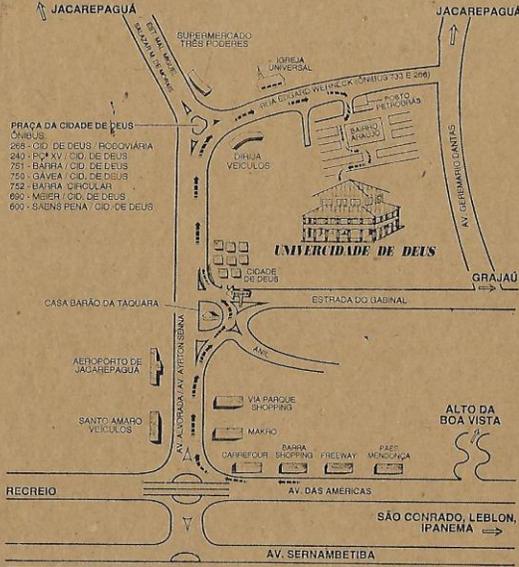
Amplo debate entre pesquisadores das múltiplas
áreas de conhecimento: História, Antropologia,
Comunicação, Ciências Jurídicas, Filosofia,
Psiquiatria e Psicanálise.

Sigilo, Ética e Moral
Sigilo e Dispositivos Políticos
Sigilo, Inquisição e Confissão
Sigilo Militar
Sigilo e Comunicação de Massa
Sigilo Médico e Psiquiátrico
Sigilo do Psicanalista

Datas: 24 setembro, 08 e 22 outubro, e 05 novembro 1994
Sábados - de 10:00 às 17:00 hs.
Informações e Inscrições: UniverCidade de Deus

Continua:

UNIVERSIDADE DE DEUS
Rua Serecitta, 391, Jacarepaguá, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Telefax: (021) 445-3177
CNPJ: 22.763.260-7. CDA: 1.0284.07/00



Obs.:
Após a loja Dirija Veículos entrar na 2ª rua à direita (acompanhar placas que indicam Bairro Grajaú),
passar na guarda de trânsito e subir até a rua Serecitta nº 391 - Tel.: 445-3177

UNIVERSIDADE DE DEUS

Simpósio sobre
**O SIGILO
NA SOCIEDADE**

Sigilo, Ética e Moral
Sigilo e Dispositivos Políticos
Sigilo, Inquisição e Confissão
Sigilo e Comunicação de Massa
Sigilo Médico e Psiquiátrico
Sigilo do Psicanalista

1994

24 setembro - 08 e 22 outubro - 05 novembro

Continua:

O SIGILO NA SOCIEDADE

Coordenação:
Aristides Alonso
UniverCidade de Deus
Lana Lage da Gama Lima
Universidade Federal Fluminense

Desde os primórdios das sociedades humanas, o Sigilo, ou o Segredo, tem desempenhado importante papel na organização das instituições e em sua atuação na Cidade, tornando-se eixo das questões éticas e políticas.

Em função da derrocada dos fundamentos, característica de nossa época, mais do que nunca exige-se uma reflexão precisa sobre o Sigilo e sua função efetiva nas vinculações humanas.

Este *Simpósio* promove um amplo debate entre pesquisadores das múltiplas áreas: História, Antropologia, Comunicação, Ciências Jurídicas, Filosofia, Psiquiatria e Psicanálise.

Das origens aos dispositivos atuais, **O Sigilo na Sociedade** tratará das seguintes questões:

- a origem do sigilo na sociedade
- cristianismo: o dispositivo confessional
- o sigilo e a comunicação de massa
- público e privado: sua pragmática política
- códigos de "ética": seu lugar político e social
- as práticas morais e os aparelhos de estado
- o sigilo militar
- a utilização do sigilo na psicanálise e seu lugar efetivo (diferente de seu dispositivo atual de inspiração médica e estatal).

PROGRAMA

☑ 24 setembro (10:00 às 17:00 hs)

Abertura do Simpósio

MD Magno, Lana Lage da Gama Lima, Aristides Alonso
Sigilo: Leituras
Sheyla May (atriz)

Intervalo

- Mesa redonda:
 - Segredos Militares
Luiz Felipe Silva Neves (UFF)
 - Expansão Marítima e Política do Segredo
Renato Pereira Brandão (UNESA)
 - Segredo e Candomblé
Marco Antônio da Silva Melo (UFF)
 - Ética e Sigilo Profissional: Solução ou Dilema
Augusto Thompson (Procuradoria Geral RJ)

☑ 08 outubro (10:00 às 17:00 hs)

- Mesa redonda:
 - Silêncio e Segredo nas Telenovelas
Laura Graziella F. F. Gomes (UFF)
 - Segredo e Formação Médica
Paulo Gabriel H. da Rocha Pinto (UFF)
 - Arquivos: Guardar ou Tornar Público?
Ana Paula Mendes de Miranda (UFF)
 - Imprensa e Produção de Verdade
Cláudia Rodrigues Silva (UFF)

Intervalo

- Mesa redonda:
 - O Sigilo Confessional
Lana Lage da Gama Lima (UFF)
 - Segredo e Inquisição
Pedro Marcelo Pashe de Campos (UFF)
 - Primeiros Cristãos e a Disciplina do Arcano
Francisco José Silva Gomes (UFF)

• Interrogatório e Entrevista: Estilos de Produção da Verdade
Roberto Kant de Lima (UFF)

☑ 22 outubro (10:00 às 17:00 hs)

- Mesa redonda:
 - Sigilo Médico e Psiquiátrico
Nívio Bittencourt (UD)
 - Psiquiatria: Uma Sociedade Secreta?
Annibal Coelho de Amorim (UERJ)
 - Loucura e Crime: Pedra Sepulcral do Silêncio
Pedro Gabriel Delgado (UFRJ)

Intervalo

- Mesa redonda:
 - Segredo e Promessa: a Visita do Anjo
Ieda Tucherman (UFRJ)
 - O Zelo de Si
Henrique Antoun (UFRJ)
 - As Macroáreas: O Sigilo do Poder
Ivo Lucchesi (Facha)
 - Sigilo e Meios de Comunicação de Massa
Roberto Quintaes (Facha)

☑ 05 novembro (10:00 às 17:00 hs)

- Mesa redonda:
 - O Sigilo do Psicanalista
MD Magno (UD)
 - O Sigilo nas Instituições Psicanalíticas
Eduardo Mascarenhas (SPRJ)

Intervalo

Encerramento

Informações e Inscrições:

UNIVERCIDADE DE DEUS

Rua Sericita, 391 - Jacarepaguá - Rio de Janeiro - RJ

Telefax: (021) 445-3177

Serão fornecidos Certificados